

AS MELHORES
SELEÇÕES
ESTRANGEIRAS
DE TODOS OS TEMPOS



MAURO BETING



editoracontexto



Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente concorda. O Autor conhece os fatos narrados,
pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Esse capítulo é um material extra do livro "As melhores seleções estrangeiras de todos os tempos",
de Mauro Beting. Para conhecê-lo, acesse: www.editoracontexto.com.br

ESPAÑHA 2010

ESPAÑHA - A fúria é roja

A Espanha enfim jogou como nunca e venceu como nunca uma Copa do Mundo. Encerrando anos de fissura nacional e desconfiança mundial que geraram uma frase que parecia lápide das pretensões planetárias da seleção espanhola. Ironia do destino para o futebol mais vezes campeão de clubes na Europa (ao lado do italiano).

A frase batida e surrada fica melhor em espanhol que a tradução livre: “Jugamos como nunca, perdimos como siempre”. É usada indistintamente por mexicanos, hondurenhos, paraguaios. E, claro, pelos espanhóis. Ao menos até os 12 minutos do segundo tempo da prorrogação da final da Copa de 2010, no Soccer City, em Johannesburgo. Quando Andrés Iniesta recebeu a bola do armador Cesc Fábregas e bateu cruzado para o fundo da meta do goleiro holandês Stekelenburg. Fazendo justiça ao melhor time entre os finalistas. À melhor seleção do mundo desde fevereiro de 2007. Equipe que havia vencido 49 dos 54 jogos desde então. Perdido apenas dois deles. O último na estreia de uma das piores Copas de todos os tempos e campos. Aquela que levou o treinador do Manchester United, o escocês Alex Ferguson, a declarar que os últimos seis Mundiais haviam sido tão emocionantes quanto uma “tarde no dentista”.

Depois da derrota inicial contra a neutra e anódina Suíça, a Espanha não mais se perdeu. Achou merecidas vitórias mesmo com o pior ataque de um campeão mundial desde 1930, com apenas oito gols em sete jogos. Reencontrou aos poucos seu jogo de técnica, velocidade na troca de passes, posse de bola exacerbada durante a Copa. Tudo aquilo que demonstrou em 90

minutos irrepreensíveis contra a renovada Alemanha, na semifinal. Quando manteve a pelota lá na frente, com qualidade, intensidade e inteligência, no estilo de jogo por eles apelidado de “tiki taka”. Fala Carlos Alberto Parreira:

- Eles triangulam demais, trocam passes em profusão. Os meias Xavi e Iniesta penetram muito na área rival, estão sempre todos muito pertos uns dos outros com a bola. A Espanha acaba criando espaços porque sempre têm quatro jogadores dando opções de ataque. Sem a bola, eles se defendem de forma compacta, e fora da grande área, encurtando o espaço dos rivais.

Tudo que fizeram contra a Alemanha. Quando o time espanhol abusou do que havia de melhor na Espanha - ou melhor, na Catalunha: a manutenção da base vencedora de tudo pelo Barcelona do treinador Pep Guardiola: os zagueiros Gerard Piqué e Carles Puyol, o volante Sergio Busquets, os armadores todocampistas Xavi Hernández e Iniesta, e o ponta Pedro Rodríguez jogam e treinam juntos há anos. Não por acaso dão certo no clube e na seleção.

Fora Iniesta e Pedro, todos catalães. Mesmo os que chegaram meninos às canteras do Barcelona (as divisões de base do clube) cresceram na sede de La Masía como se tivessem coração blaugrana (azul-grená, em catalão). Em 2007, o clube e Iniesta recusaram quase 50 milhões de euros ofertados pelo rival Real Madrid: “Falo com o coração. Meu desejo é passar a minha vida inteira no Barcelona”. Falou e jogou Iniesta.

O fenômeno tem sido raro neste mundo globalizado e pulverizado. Não é só a fidelidade por um clube (ou, no caso, no lema barcelonista, “mais que um clube”). Ainda mais raro é um time servir de base para uma seleção. Prática mais comum até os anos 1970. Como foi a grande Alemanha que venceu uma enorme Holanda, a Laranja Mecânica da primeira Copa em campos alemães (veja o capítulo da Alemanha em 1974). O goleiraço Maier, o eficiente zagueiro-direito Schwarzenbeck, o líbero dos líberos Beckenbauer, o espetacular lateral-esquerdo Breitner, o todocampista Hoeness, e o bomber Gerd Muller. Seis titulares de Helmut Schön em 1974 formavam a base do Bayern de Munique tricampeão europeu de clubes, de 1974 a 1976.

Entrosamento que ajudou demais a Itália a superar uma primeira fase medíocre e bater os favoritos Brasil, Argentina e Alemanha, na Copa na Es-

panha (veja o capítulo da Itália em 1982). Com o imenso Zoff na meta, o nada Gentile na marcação individual, o soberbo Scirea na sobra, o excelente Cabrini na lateral esquerda, o meio-campista Tardelli marcando e armando na intermediária, com Paolo sendo a arma Rossi nas três partidas decisivas. Seis campeões da Juventus. Base também da Itália campeã pela primeira vez, em 1934, com cinco titulares da Vecchia Signora. Entre eles o goleiro e capitão Combi, os meio-campistas de qualidade Monti (argentino de nascimento) e Ferrari, e o ponta-esquerda Orsi.

O Uruguai do Maracanazo de 1950 aprontou a única derrota irreversível do futebol com cinco jogadores do Peñarol. Entre eles, o ótimo goleiro Maspoli, el capitán e centro-médio Obdulo Varela, o craque do time (o armador Schiaffino), e o ponta-direita que, você sabe... Ghiggia. Aquele. Foi um time histórico em 1950 porque havia anos treinava e jogava junto pelo Peñarol. Não era acaso. Como também não era por fortuna que o Brasil de Flávio Costa também brilhou até o primeiro tempo do jogo decisivo de 1950. Era um senhor time formado a partir da base do Expresso da Vitória vascaíno. Barbosa, Augusto, Danilo Alvim, Ademir de Menezes e Chico eram Vasco naquele, bem, você sabe...

Outra seleção que aprontou zebra histórica em Copas também se baseava num só time: a Alemanha que virou para cima da mágica Hungria de 1954, no Milagre de Berna, era montada a partir de três da turma de trás do Kaiserslautern, mais os irmãos Ottmar e Fritz Walter. (Veja o capítulo da Hungria, em 1954). Time modesto que, talvez, tenha se superado não apenas pela tenacidade alemã. Também pela formação de um espírito desenvolvido dentro do Kaiserslautern, duas vezes campeão alemão e duas vezes vice, entre 1951 e 1955.

O Brasil também teve uma senhora base que orbitava ao redor de estrelas campeãs do mundo quatro anos antes. A Seleção foi bi no Chile em 1962 com cinco titulares botafoguenses: Nilton Santos, Didi, Garrincha, Amarildo e Zagallo. Quatro deles entre os 14 campeões mundiais de 1958 que permaneceram entre os 22 convocados. Grupo composto por atletas de apenas sete clubes brasileiros: sete do Santos campeoníssimo de Pelé; os cinco alvinegros cariocas da turma de Mané; mais três do Fluminense, três do Palmeiras, dois do São Paulo, um da Portuguesa, outro do Bangu.

Realidade oposta ao pentacampeão mundial, 40 anos depois, em 2002. Na família de Scolari, eram 11 titulares de 11 times diferentes, que jogavam em cinco países. Ao todo, os 23 convocados pertenciam a 17 clubes distintos.

Ainda assim, em um mês, jogaram um futebol pouco babélico. Mas não de babar. Porque não há como dar tanta liga com tanta gente com domicílios futebolísticos distantes.

Um dos milagres espanhóis em 2010 foi unificar o jogo num país usualmente separado por questões muito além do campo esportivo. Mais uma lição que o gol de Iniesta deixa não apenas para o mundo futebolístico. Quem sabe, para cada espanhol.

Mundos distintos

Não apenas pelos tantos títulos nacionais e internacionais conquistados. Não apenas pelas questões esportivas. Real Madrid e Barcelona não jogam o mesmo jogo. Dá para dizer que não falam a mesma língua. A bandeira espanhola nem sempre veste o clube catalão. Proibido de falar a língua de sua nação durante os anos do Generalíssimo Franco (1939 a 1975). Obrigado a mudar o nome em catalão para a língua espanhola. Obrigado muitas vezes a jogar em outro mundo pelas diferenças brutais e abissais com a capital espanhola, com o poder espanhol. Não por acaso existe uma seleção catalã que também joga bola. E nunca jogou tão bem quanto a base do Barcelona em 2010.

As diferenças entre Madri e Barcelona atrapalharam muitos grupos e seleções na história do futebol espanhol. Quase tanto quanto a importação desenfreada de estrangeiros desde a década de 1930. Os enormes feitos dos clubes espanhóis na Europa e no mundo passam pelo pé de obra importado. Os estrangeiros Di Stéfano, Puskás, Kopa, Santamaría, Zidane, Figo e Roberto Carlos (ainda que alguns naturalizados) explicam melhor os nove títulos europeus madridistas que os espanhóis Gento, Muñoz, Amancio, Raúl, Hierro e Casillas. No Camp Nou, os internacionais Kubala, Kocsis, Evaristo, Stoichkov, Koeman, Laudrup, Cruyff, Ronaldinho Gaúcho, Eto'o, Deco e Messi têm peso maior que as estrelas nacionais, que, de fato, só a partir desta geração deram o grito de independência espanhola às nações mais amigas da bola.

Xavi, Iniesta e belíssima companhia começaram a virar esse jogo. Com a ajuda filosófica da escola holandesa ironicamente vencida na decisão de Johannesburgo. E um Johan Cruyff, em campo, a partir de 1973, e um treinador como Rinus Michels, no banco, desde 1971, ajudaram o Barça a ganhar um título espanhol, em 1974. E a aprimorar a escola culé (barcelonista) de jogar bola. Ganhando ainda mais ofensividade, técnica e apuro pelo passe e

pela velocidade. Emulada pelo Dream Team tetracampeão espanhol, de 1991 a 1994, e campeão europeu de 1992. O Barça do Cruyff treinador. Talvez superado apenas em qualidade pelo Barcelona campeão europeu de 2006, guiado por um genial Ronaldinho Gaúcho e comandando por um treinador holandês – Frank Rijkaard.

E não parou aí. O treinador foi ainda mais bem sucedido por outro filho da casa, o ex-volante Pep Guardiola. Treinador que, no primeiro ano na carreira, ganhou a Copa da Espanha, a liga nacional, a Liga dos Campeões e o Mundial de Clubes. Com um 4-3-3 entronizado e quase eternizado pelos holandeses. Um futebol dinâmico, competitivo e belo. Com um novo gênio com a camisa 10. O argentino Lionel Messi.

O Barcelona inspirou a Espanha desde 2007. Uma base treinada e jogada desde então quase todo dia. Se para alguns faltava um gênio como Messi para a Fúria, sobrava um senhor time para La Roja. Antes da Copa-10, o doutor Sócrates diagnosticava: “Para a Argentina de Messi falta um time organizado como a Espanha; para a Espanha falta um gênio como Messi”. Talvez. Mas numa Copa onde faltou grande futebol, inclusive do próprio Messi, bastou o time que foi o craque da Copa. O time espanhol.

A invasão holandesa

O jornalista André Rocha, em seu blog no globo.com, melhor explica a origem do jogo espanhol em 2010. Ou melhor, barcelonista:

“Johan Cruyff, quando chegou ao Barcelona, em 1973, liderou a equipe que encerrou um jejum de 13 anos sem títulos. Jogando num 4-3-3 com marcação no campo adversário e intensa movimentação que seria a base tática da Holanda que disputaria a Copa do Mundo pouco tempo depois, o Barça apresentou um futebol empolgante que teve seu auge no lendário triunfo sobre o Real Madrid por 5 a 0, no Santiago Bernabéu.

A troca de posições dos meias Marcial e Asensi, este autor de dois gols, e do atacante Rexach enlouqueceu a defesa merengue. Mas quem arrancou os aplausos dos torcedores do arquirrival – feito que seria repetido por Maradona em 1983

e por Ronaldinho em 2005 – foi Cruyff, com a habitual técnica acima da média, a rara inteligência tática e o fôlego impressionante para um fumante inveterado. Um show.

O espetáculo se repetiria 18 anos depois com o primeiro título da Liga dos Campeões, desta vez com Johan Cruyff no comando técnico. Atualizando e adequando à escola espanhola os conceitos de Michels com o acréscimo de seu ‘toque pessoal’ desde que assumiu o time em 1988, o treinador armou uma equipe ofensiva, com variações táticas e forte trabalho coletivo comandado por Koeman, zagueiro holandês que atuava como líbero e marcou o gol decisivo na final contra a Sampdoria, em Wembley. Outro destaque era um volante inteligente, de toque refinado e ótimo senso de posicionamento criado nas canteras do clube chamado Pep Guardiola. Na temporada 1993-94, Cruyff montou a versão mais espetacular do ‘dream team’ catalão que conquistou o quarto campeonato espanhol consecutivo e teve em Romário, mesmo vivendo às turras com o treinador, seu artilheiro e estrela máxima, com ótimos coadjuvantes como Laudrup, Stoitchkov e Bakero, além de Koeman e Guardiola. A equipe girava, tocava a bola e atacava sem parar. Do banco, Cruyff viu seu Barcelona repetir os 5 a 0 sobre o Real Madrid, desta vez no Camp Nou. A decepção só viria na acachapante derrota em nova final da Liga dos Campeões para o Milan por 4 a 0. Ainda assim, o time marcou época pela vocação ofensiva, estilo vistoso e valorização do trabalho nas divisões de base. A relação Barcelona-Holanda não rendeu tantos frutos na Era Van Gaal, apesar do bicampeonato nacional em 1997-98 e 1998-99 e as grandes jornadas de Ronaldo e Rivaldo. O Real Madrid se impôs no continente durante o período e iniciou a era galáctica de Florentino Pérez que tirou Luís Figo do Barça em 2000.

A recuperação só viria a partir de 2004 sob o comando de Frank Rijkaard, que resgatou conceitos do trabalho de Cruyff, apostando num ousado 4-3-3 de intensa troca de passes e marcação avançada. Liderado por Ronaldinho Gaúcho e vendo surgir o jovem Lionel Messi, o time catalão conquistou duas ligas nacionais e voltou a vencer a Liga dos Campeões em

2005/06. E novamente o momento máximo de um esquadão blaugrana viria contra o rival de Madrid. Mais um espetáculo no Santiago Bernabéu: 3 a 0 com atuação antológica de Ronaldinho.

O espírito permissivo que se instalou no clube por conta das conquistas minou o trabalho de Rijkaard. Sua saída em 2008 abriu espaço para a estreia como técnico de Pep Guardiola, ex-jogador de Cruyff. Mantendo a filosofia de seu antecessor e, com o ambiente saneado pelas saídas de Deco e Ronaldinho que deram a batuta a Messi e Xavi, o Barcelona partiu para uma temporada histórica, vencendo todos os títulos possíveis e aplicando mais uma goleada implacável nos madridistas: 6 a 2 no Santiago Bernabéu, com show de Messi. A estrutura foi mantida para a temporada seguinte, mas a troca de Eto'o por Ibrahimovic não foi tão positiva para o clube. Sem a movimentação do camaronês, o 4-3-3 ficou previsível, facilitando a marcação. Tentando aproveitar melhor o talento de Messi e adequar o esquema tático ao reforço milionário, Guardiola reorganizou sua equipe num 4-2-3-1 que fez o Barça voltar a ter volume de jogo, encantar e atropelar seus oponentes. O título espanhol veio numa campanha histórica, irretocável. Apesar do revés na semifinal da Liga dos Campeões para a Internazionale, o Barcelona continuou sendo considerado o melhor time e a maior referência de futebol bem jogado no mundo.

É esse esquadão de Guardiola, com ecos de Rijkaard, Cruyff e Michels que ataca, marca à frente e 'gasta' a bola com precisão que dá pouca chance aos rivais a maior influência da seleção espanhola. Se Messi tivesse aceitado a naturalização espanhola, o mundo poderia estar testemunhando exibições de uma das melhores seleções de todos os tempos."

Frutos de Del Bosque

Roberto Carlos ganhou tudo com o treinador Vicente Del Bosque nos três anos em que trabalharam juntos no Real Madrid. Se o mundo mal conhece a voz daquele sujeito bigodudo que parece o Leôncio do desenho do

Pica-Pau, os atletas do primeiro elenco galáctico merengue ouviam aquela câmara criogênica ferver no vestiário. “Lá dentro ele falava duro. Até gritava. Sabia conduzir muito bem um grupo de estrelas. E trabalhava bem durante a semana. Um treinador não precisa ficar esbravejando durante o jogo. Basta trabalhar direito nos outros dias. Ele fazia isso no Real Madrid”.

Fez o mesmo ao assumir a Espanha logo depois da conquista da Eurocopa-2008, substituindo o desgastado Luis Aragonés. Ajudando o time espanhol a conquistar não apenas seu primeiro mundial. Também a repetir o feito da Alemanha, nos anos 1970: a primeira seleção campeã europeia e, dois anos depois, campeã mundial.

Mas o mérito merece ser dividido com seu sucessor Luis Aragonés. Capaz de mexer taticamente numa equipe difícil de ser marcada. E também de ser definida taticamente. “Nunca me preocupei com a forma de jogar, com a questão de quantos homens no meio e no ataque. Só queria que meu time tocasse, tocasse e tocasse a bola. Com movimentação e simplicidade”, disse Aragonés. Concorde o treinador brasileiro Carlos Alberto Parreira, fã do estilo:

- O melhor da Espanha é ser um time que sempre faz o seu jogo, impõe seu modo de jogar, contra qualquer adversário, em qualquer lugar. Eles têm muita paciência e inteligência para tocar. Não rifam a bola. Saem sempre jogando. Os laterais ficam bem abertos na intermediária, os zagueiros – que sabem jogar – abrem bem para receber a bola, o goleiro é quase um líbero de tanto que é acionado, os meias ficam lá na frente... Viram o jogo de um lado a outro com propriedade, atrapalhando a marcação por zona dos adversários. É um time que não dá chance para o adversário porque não lhe oferece a bola.

Aragonés fez ótimo trabalho em 2008 e conquistou o bi europeu para o futebol espanhol. Desde a conquista de 1964 contra a União Soviética, a Espanha fazia na Euro os fiascos de outras competições como a Copa do Mundo. Nem das quartas de final passava. Em 2008, em campos suíços e austríacos, começou a virar o jogo. Na primeira fase, goleou de cara a Rússia por 4 a 1. Com o excelente armador Fábregas, do Arsenal, no banco, a Espanha jogou demais, baseada em algo parecido a um 4-1-3-1-1. Com muita dinâmica, troca de bola e de posições. Iniesta, Xavi e o rápido e driblador

David Silva (Valencia) foram os três armadores, com o excelente atacante David Villa (Valencia) flutuando mais à frente, próximo ao artilheiro Fernando Torres (Liverpool).

O placar talvez tenha sido dilatado (até pelo último gol, irregular, de Fábregas – outro revelado pela divisão de base do Barcelona). Mas a impressão ao final do jogo era que a Rússia iria se recuperar – como de fato aconteceu. E a Espanha, abusando do texto então publicado no meu blog, no Lancenet!, “chega forte – pela enésima vez numa competição importante. Só que, desta vez, com pinta de ir além”.

E como foi. Venceu a Suécia e Grécia (então defendendo o título continental) com propriedade. Usou os reservas contra os gregos. Deixando os titulares para as quartas de final. Uma fase e um trauma difíceis de serem vencidos em várias eliminações prematuras anteriores. Bons times espanhóis chegaram ao máximo até as quartas nos Mundiais de 2006, 2002, 1998, 1994, 1986 e 1962. Algumas equipes razoáveis como as de 1990 e 1966 tiveram o mesmo azar, assim como times medíocres como os de 1982 e 1978. Sem citar os fiascos das ausências nas Copas de 1974, 1970, 1958 e 1954 (quando perdeu o sorteio na moedinha para a Turquia). A última grande campanha espanhola havia sido a participação do quadrangular final da Copa de 1950. Ainda assim perdendo para o Brasil por 6 a 1, no Maracanã.

Tudo isso precisava ser vencido contra a Itália, então campeã mundial, nas quartas de final de 2008. E foi. O time de Aragonés não só eliminou com méritos a confusa Itália do treinador Donadoni. Ganhou nos pênaltis que costumava perder. A Espanha manteve o ótimo time da fase inicial. O que significou deixar no banco o excelente Fábregas. Nada contra Silva como “interior” esquerdo, o meia mais aberto pelo setor, no 4-2-3-1 de Aragonés. Mas se era para deixá-lo rodar o meio-campo, como muito bem jogou, talvez fosse ainda melhor com Cesc Fábregas para pensar o jogo espanhol.

Os 90 minutos foram parecidos, iguais e equilibrados, mas com tintas mais ibéricas. A Espanha tentando atacar, e a Itália, contra-atacar. Chances, poucas, mais espanholas; mas a maior foi azzurra, aos 15 do segundo tempo, quando os pés de Casillas salvaram, numa virada de Camoranesi. Um minuto depois, Iniesta e Xavi deram lugar a Fábregas e ao meia aberto pela direita Santi Cazorla (Villarreal). A Espanha quis mais jogo. E teve. Mas, os gols, só na disputa de pênaltis, depois da prorrogação.

Villa abriu o placar para a Espanha. Cazorla fez 2 a 1. Casillas não deixou De Rossi empatar de novo, com bela defesa no canto direito.

Marcos Senna, um dos destaques da Espanha, volante nascido no Brasil, fez 3 a 1. O monstruoso goleiro espanhol Iker Casillas não errava os cantos, e só não defendeu o pênalti de Camoranesi porque a bola foi no ângulo. Mas o ainda maior Buffon defendeu o pênalti do tosco artilheiro Dani Güiza (Mallorca). Di Natale poderia empatar. Mas Casillas não deixou. Ainda faltava um gol. Fábregas deslocou Buffon, a Espanha fez 4 a 2 e fez festa. E acabou com o trauma de parar nos pênaltis e nas quartas.

Mesmo com um dia a menos de descanso, a Espanha parecia favorita nas semifinais, novamente diante dos russos, que espetacularmente venceram os ex-favoritos holandeses. Uma lesão do até então melhor jogador da Euro (David Villa) deixaria qualquer time órfão, aos 33 minutos. Mas veio a campo o melhor reserva da competição. Fábregas pensou o jogo espanhol e fez justiça contra a nova sensação da competição. Antecipando o que a Espanha faria em 2010.

O treinador Aragonés repetiu o 4-2-2-1-1 que vinha adotando: Marcos Senna protegendo os zagueiros que se superam e laterais que apoiam apenas na boa; ao lado dele, à esquerda, saindo um tanto mais, o múltiplo Xavi; na intermediária, trocando de lado, os ótimos Iniesta e Silva; mais à frente, Villa é um meia-atacante que fica pouco atrás de Torres. Ambos com intensa movimentação.

Para o segundo tempo, Aragonés liberou um tanto mais Fábregas para avançar por dentro, com Silva recondicionado ao lado esquerdo. Em vez do 4-2-2-1-1 do primeiro tempo, um básico 4-1-4-1. Na intermediária, a partir da direita, Iniesta, Fábregas, Xavi e Silva. Avançando Xavi, a Espanha achou o lance do gol, aos 4 minutos, em típica arrancada do meio-campista catalão. Iniesta bateu da esquerda para dentro da área e o volante chegou finalizando com categoria.

Aos 23, o volante Xabi Alonso (Liverpool) substituiu Xavi, e Güiza foi ao ataque no lugar do cansado Torres, que fez boa partida. Mas não fez o gol que o esforçado artilheiro do Campeonato Espanhol (2007-08) marcou, aos 27 minutos, em brilhante jogada de todo o ataque, culminada com a assistência precisa de Fábregas para Güiza tocar bonito e comemorar lindo o gol da mais que merecida classificação espanhola.

Teve outro gol, de Silva, que aproveitou assistência de Fábregas, aos 36, num lance que começou num dois-toques de classe da melhor seleção espanhola que até então havia visto jogar.

O começo de tudo

O futebol tem lógica. O melhor time vence. A Espanha jogou uma Euro-2008 muito melhor que a Alemanha e levou para casa o bi europeu. Sem derrotas, com cinco vitórias, um empate, o melhor ataque, a melhor defesa, o artilheiro, o goleiro menos acionado, e os melhores jogadores. A camisa não pesou. A bola, sim.

A Espanha teve a escalação esperada, sem o lesionado Villa: um 4-2-3-1 sem a bola que se tornava um 4-1-4-1 com o avanço de Xavi (mais contido que no show sobre os russos). Nos primeiros 10 minutos, a Alemanha foi melhor, impondo o jogo e com a marcação alta. Mas pouco produziu. E ainda menos realizou quando Silva virou um winger pela direita, um meia aberto como um ponta, com Iniesta fixo pela esquerda. Desse modo, o ótimo lateral Lahm teve o circuito cortado (Silva é mais incisivo). Sem o lateral para apoiar, o 4-2-3-1 alemão teve dificuldades para fluir. Marcos Senna não deixou o meia Ballack organizar o rival. Os laterais Sergio Ramos e Joan Capdevilla (Villarreal) foram notáveis no cerco aos armadores pelos lados Schweinsteiger e Podolski. O centroavante Klose acabou ilhado. E sem chances contra os zagueiros Puyol e Carlos Marchena (Valencia), de firmes atuações.

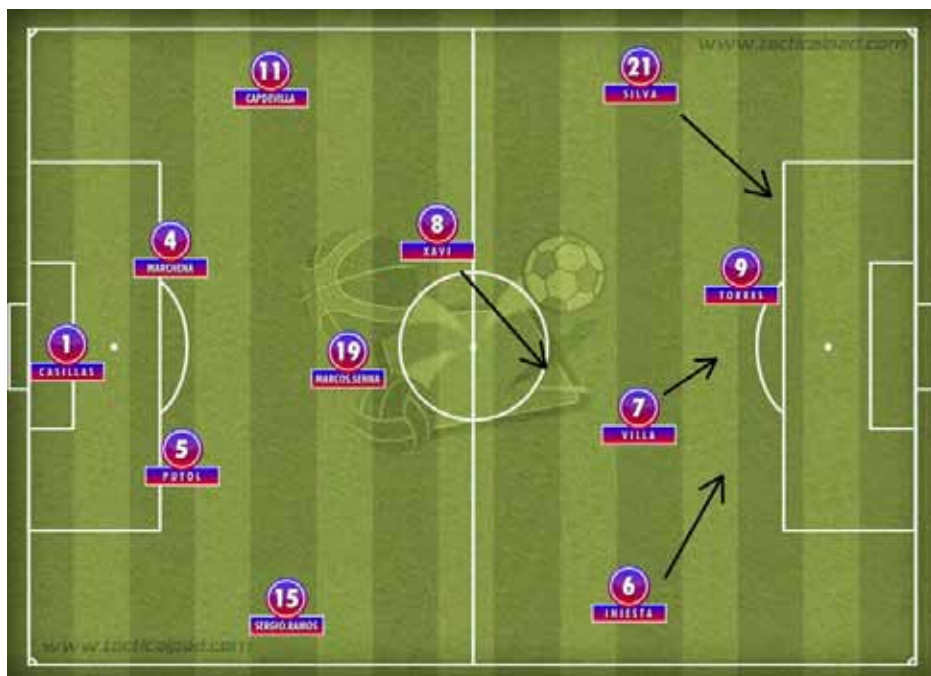
Tanto que, nos primeiros 45 minutos, Casillas pouco trabalhou. Chance de gol, mesmo, só espanholas. Uma cabeçada de Torres na trave direita de Lehmann, aos 22 minutos. E se Torres ganhou no alto da torre de 1,98m chamada Mertesacker, imagine por baixo. Aos 32, belo lançamento de Xavi era mais para o lateral Lahm do que para Torres. Mas, uma vez mais, o ótimo alemão falhou na defesa, Niño Torres se aproveitou e jogou por cima do goleiro alemão. 1 a 0 Espanha. Justo, num jogo mais marcado que jogado, com cada equipe ficando com a bola por 50% do tempo.

Na segunda etapa, a Espanha jogava como se estivesse perdendo. A Alemanha apenas especulava no contragolpe. A primeira chance alemã só aconteceria aos 14, com Ballack. No mais, só dava a equipe melhor dotada tecnicamente, melhor disposta taticamente e com mais variantes, e menos pregada fisicamente, ainda que tenha jogado por mais minutos e com menos descanso que a rival.

Nos minutos finais, a máxima de que o jogo só acaba quando termina para os alemães estava derrubada com a ascensão de um time que jogava como se não fosse a única conquista. Mas a primeira de uma série. “Sentia-

mos que poderíamos vencer. Estávamos com o jogo controlado”, disse Fábregas. Desta vez, a Espanha não se achava inferior. Não se derrubava mais. Não se dividia mais.

Era Espanha como nunca.



A equipe base que conquistou o bicampeonato europeu para a Espanha: oito titulares que seriam a base do time campeão mundial em 2010

Derrota educativa

Na Copa das Confederações de 2009, na África do Sul, a final esperada era a *avant-première* da decisão da Copa de 2010: Brasil de Dunga contra a Espanha que, desde o título da Euro-2008, era do treinador Vicente Del Bosque. Mas que parecia a mesma. Para não dizer que poucas, na história, podiam a ela ser comparadas: até a semifinal contra os Estados Unidos, a Fúria (ou La Roja, como preferem os mais jovens que não ficaram tão furiosos com tantas derrotas em décadas...) não sabia o que era perder havia 35 jogos (igualando recorde das seleções brasileiras de Parreira e Zagallo, entre 1993 e

1996). Só sabia vencer havia 15 jogos (outro recorde mundial, desde os 3 a 0 contra os russos, na semifinal da Euro-2008).

Um time que poderia vencer o de Dunga. Mesmo sem os lesionados Iniesta, Marcos Senna e David Silva, mas com Xavi, Fábregas, Xabi Alonso, Villa e Torres prontos para conquistar a primeira das duas Copas em jogo na África do Sul.

Só não avisaram os norte-americanos, que nos contragolpes venceram por 2 a 0, e foram derrotados a duras penas e bolas pelos brasileiros, na decisão, por 3 a 2. O Brasil ganhava mais uma Copa das Confederações. A Espanha mais uma vez parava numa competição intercontinental.

Foram 22 conclusões europeias contra sete norte-americanas. Apenas duas as corretas. As duas que foram gols para um time que errou 79% dos passes contra um rival que acertou 90% deles (dados do Footstats). “Só” faltou acertar o gol...

E, talvez, saber como lidar com um gol sofrido. Na Euro-2008, a Espanha não teve a meta vazada nos jogos decisivos contra Itália, Rússia e Alemanha. Não precisou saber como lidar contra um gol sofrido como o que levou de Altidore, o primeiro; o segundo de Dempsey foi doado por Sergio Ramos.

“Mas seguimos trabalhando e fazendo o nosso jogo”, conformou-se Xavi depois da mais inesperada derrota na história da competição. “Ainda tem muita coisa até o Mundial. Devemos aprender com nossos erros”.

Que não foram muitos. O jornalista Rogério Jovanelli, logo depois da derrota inesperada, escreveu com todas as letras que não havia como discutir a qualidade espanhola. “Talvez o time fique ainda melhor preparado psicologicamente para o Mundial”. Acrescentei, à época, em coluna do diário Lancel: “Esse era o torneio que os espanhóis poderiam perder – mais um. Para quem sabe enfiar vencer um Mundial num continente a ser explorado e conquistado. Sem favoritos de véspera”.

Ou melhor: com um favorito desde 2007, confirmando a qualidade de seu jogo em 2010.

Espanha 0 x 1 Suíça

O último amistoso espanhol antes do tardio embarque para a África do Sul foi contra a Polônia. Goleada de 6 a 0. Antes de a bola rolar na Copa, não havia time melhor entre os 32. Nem o Brasil eficiente de Dunga, nem

a Argentina revigorada de Messi e Maradona, nem a Inglaterra badalada de Rooney e Capello. A bola da vez era *roja*.

O melhor time. O melhor elenco. O melhor e mais bonito futebol. Mas... Ainda era a Espanha. Tanto que este escriba chutava para todos os lados, antes da estreia contra a modesta Suíça, em Durban: “A Espanha pode chegar à decisão. Mas, histórica e maldosamente, uma eventual final entre Espanha x Holanda terminaria com o terceiro colocado como campeão pela incapacidade de decisão de duas senhoras equipes”.

Pois é...

Desde a Euro-2008, a armada espanhola vinha bem demais. Antes disso: desde fevereiro de 2007, eram 44 vitórias em 48 jogos. Apenas três empates (Islândia, Finlândia e Itália). E a zebração da derrota para os Estados Unidos, na semifinal da Copa das Confederações de 2009. A Espanha ganhara 26 de seus últimos 27 jogos até estreiar no Mundial. Nos minguados três empates, um acabou virando vitória nos pênaltis (contra a Itália, nas quartas da Euro-copa). Nas últimas 12 partidas antes do Mundial, a Espanha marcava mais de três gols por jogo, e sofria menos de um.

Mas a Copa é outra história. E começou como se fosse a tragédia de sempre.

A Espanha entrou nervosa além da conta. Mesmo com os suíços perdendo o zagueiro Senderos por lesão, substituído por Bergen aos 36 minutos, o time favorito errou todos os passes que costumava acertar, afinou demais seu jogo contra oito ferrenhos defensores rivais. Ainda que mantendo 63% de posse de bola (chegou a ser 83% nos primeiros 20 minutos), ela não foi tão qualificada e intensa como de costume.

Para o jornalista André Rocha, “o que faltou foi a objetividade quando tudo parecia controlado. E calma e sorte quando nada dava mais certo”. O esquema era o mesmo dos últimos jogos. Um 4-2-3-1 bem entendido e ajustado, próximo à mexida tática que Guardiola havia utilizado nos meses finais da temporada do Barcelona, com Messi mais livre.

Mas faltava o gênio argentino. E faltava mais do mesmo engenho técnico e tático espanhol. Na cabeça da área, Marcos Senna já não estava tão bem no Villarreal, e nem convocado foi. O volante Busquets fizera um baita campeonato pelo Barça e, pelo entrosamento com os companheiros, merecia a titularidade. Ele fazia boa parilha de volantes com Xabi Alonso, um que não marcava tanto, mas saía com qualidade à frente, e tinha um fabuloso chute de longa distância. Mas, contra a Suíça, não tinha espaço para ajudar

o ataque. Derdiyok o seguia pelo campo. Em vez de marcar, Busquets era marcado. Como toda a Espanha.

Os laterais Sergio Ramos e Capdevilla não passavam, blindados pelos aplicados meias suíços. Poucas chances tiveram os espanhóis no primeiro tempo. A Suíça, ainda menos. Um time que não levava gol em quatro jogos na Copa-2006. No decisivo, contra a Ucrânia, sofreu três gols na disputa de pênaltis, depois de 120 minutos de sono e pesadelos. Se não tomava, também não marcava: perdera os três pênaltis.

Mas, em Durban, aos sete minutos, num lance inenarrável, carambolado e esquisito, com pelo menos duas caneladas suíças, Gelson Fernandes fez 1 a 0, depois de um chutão do bom goleiro Benaglio. “Não sou artilheiro. Eu não esperava fazer um gol num time tão forte como o espanhol. Foi um lance de sorte” disse o jogador nascido em Cabo Verde. Os fantasmas e traumas entraram em campo para assustar os espanhóis.

Torres, Jesús Navas e Pedro foram para campo e para o ataque. Não adiantou. Até porque Iniesta ainda sofria com lesões e a falta de melhor ritmo. Ainda assim, foi quem mais tentou o jogo e a diferença. Ainda que tudo acabasse como sempre para espanhóis.

Na véspera da partida, o treinador alemão Ottmar Hitzfeld havia dito que “um dia iria acontecer” uma vitória da Suíça contra a Espanha. Foi a primeira. Seria a última derrota espanhola até a decisão, no Soccer City.

2 x 0 em Honduras

“Acreditamos totalmente em vocês. Existem muitos jogos pela frente”. Foi a mensagem do príncipe herdeiro Felipe aos atletas. Mas não a de parte da imprensa e da ressabiada torcida espanhola. Bruxas e abutres foram vistos na derrota na estreia. Até mesmo onde não havia assombração. O fato de a repórter de TV Sara Carbonero estar próxima da meta defendida por Casillas teria sido um dos “motivos” da derrota. A belíssima morena de olhos verdes era namorada do goleiro do Real Madrid. Uma foto durante o aquecimento antes da partida mostrava Casillas dando uma olhadinha em direção a ele. Algo que qualquer bípede do sexo masculino também faria naquela situação. O que bastou para as péssimas línguas dizerem que ela havia tirado a “concentração” do excepcional goleiro merengue.

Não seria preciso comentar a bobagem. Mas é fundamental dizer que Casillas, 29 anos, titular madridista desde os 18, vivia o auge da carreira campeoníssima e brilhante. Aos 10 anos chegou ao clube. Com 16 já era chamado para o banco. Aos 19 já era seleção principal. Sempre com colocação irrepreensível, tempo de resposta impressionante, e uma tranquilidade rara no ofício. Foi fundamental na Euro. Foi o melhor goleiro da Copa-2010, que ergueu como capitão incontestável. E companheiro querido. Fala o terceiro goleiro espanhol, Victor Valdés, titular do Barcelona: “Iker é um goleiro excepcional que não pode e não merece ser contestado pelo profissional que é e pela seriedade como atleta e pessoa. Ele é um exemplo e é titular absoluto. Sou o terceiro goleiro da seleção, mas tenho a felicidade de ter companheiros como ele e como Pepe Reina [reserva imediato, outro revelado pelo Barça, e titular do Liverpool]”.

O ambiente era ótimo. A qualidade do goleiro difícil de não ser enaltecida. Ainda assim era cobrado abusivamente por assuntos banais. Como de costume, Casillas pouco falou. Mas quase tudo defendeu desde então. Embora, contra Honduras, adversária do segundo jogo, no Ellis Park, em Johannesburg, pouco precisou fazer. Diferentemente do ataque, o que mais chances de gol produziu numa partida da primeira fase do Mundial de 2010. Ao menos 14 oportunidades de gol foram criadas pelos espanhóis, que finalizaram 22 vezes. Incluindo o pênalti perdido por Villa, no segundo tempo. Mas o atacante tinha crédito. Aos 6 minutos, de longe, mandou balaço no travessão do bom goleiro Valladares. Aos 16, passou no meio de dois marcadores, pela esquerda, cortou mais um por dentro, e emendou de primeira, cruzado, no ângulo hondurenho. Um dos mais belos gols da Copa. De um dos melhores e menos badalados jogadores do mundo.

Villa sempre interessou a Barcelona e Real Madrid. Mas só pouco antes do Mundial acertara a transferência do Valencia para a Catalunha. Um gigantesco acerto para as partes. Faltava só Del Bosque acertar o posicionamento dele. Pau e pé para toda obra, com a presença do ausente Niño Torres, sem ritmo e longe da forma ideal, Villa tinha de ficar distante do gol no esquema do treinador. Muito longe. Ele era o meia aberto pela esquerda, o winger ou “interior” esquerdo. Navas fazia a função pela direita, com Xavi articulando por dentro, com a guarida de Xabi Alonso. Sentindo dores na coxa direita, Iniesta ficou de fora do time.

Villa jogou por todos. Ainda que longe da área. No 4-1-4-1 espanhol, havia como adiantar o excelente atacante. Ou trabalhar com ele mais próximo

da área. E de Torres. Mas Del Bosque não quis. Poderia ter sido bem melhor. Até por um pênalti que poderia ter sido marcado no primeiro tempo.

Na segunda etapa, na entrada da área, aos 5 minutos, Villa recebeu de Navas, chutou forte, e o desvio de Figueroa matou o goleiro hondurenho: 2 a 0. Mais 10 minutos e Villa chutou fora o pênalti sofrido por Navas. Dos poucos “sofrimentos” espanhóis na noite fria de Johannesburgo. Mesmo com as discutíveis escolhas do treinador: Para que dois volantes contra rival tão frágil e retrancado? Era jogo para Xavi mais Fábregas, não um no lugar do outro. Mota aberto por uma ponta, como no segundo tempo? Melhor Pedro; para que trocar o lateral Sergio Ramos por Arbeloa no final do jogo? Resultado: em vez de uma goleada, apenas 2 a 0.

Nem o treinador espanhol gostou da falta de pontaria: “Não foi um grande jogo. Tivemos muitas oportunidades, mas perdemos muitos gols. Faltam muitas coisas para nós”.

Com a vitória contra Honduras, a Espanha precisava vencer o Chile para tentar assegurar o primeiro lugar do grupo. E ainda se afastar da possibilidade de logo nas oitavas de final ter de enfrentar o Brasil. O que ninguém queria. Dos dois lados.

2 x 1 no Chile

O Chile de Marcelo Bielsa era mais um time do Loco e brilhante treinador que uma seleção chilena. Atacava como se não houvesse amanhã, e perdia como em tantos anos chilenos. Para o jornalista André Rocha, “o Chile novamente pecou pela desmedida volúpia ofensiva e a movimentação intensa que expõe a retaguarda e não é compensada pela efetividade do ataque”.

A Espanha era mais sábia e sabida. E tinha Casillas na meta. Não um goleiro Bravo que expôs ainda mais a sua meta ao sair de qualquer jeito numa bola que não era dele, ao dividir com Torres fora da área, e dar o gol inicial a Villa; de longe, com a destreza e frieza que rimam, o neobarcelonista tocou por cobertura e abriu o placar, tornando-se o maior artilheiro espanhol em Mundiais. Gol que saiu aos 23 minutos, quando o Chile mais atacava e criava. Até Valdivia perder a bola que Xabi Alonso lançou para Torres, Bravo dividiu com ele fora da área, e a história foi feita. “Talvez não tivéssemos ganho o jogo se o gol de Villa não tivesse saído aquela hora”, disse Iniesta, escolhido na votação da Fifa como o melhor da partida onde, mais uma vez, Villa foi decisivo. Para não dizer o melhor em Pretória.

O Chile até tentou mudar a marcação, usando algo próximo a um 4-3-3. Mas acertou mais as canelas rivais que a bola. Sem o artilheiro Suazo em boas condições, com Valdivia normalmente longe da área, pouco criou o bom time chileno contra uma Espanha que variou taticamente do 4-2-3-1 a um esquema 4-1-3-2, com Villa (corretamente) mais próximo do ainda sem ritmo e sem bola Torres.

O Chile criou poucas chances. Ou, no primeiro tempo, apenas as letais para os rivais. Aos 36, outra bola mal jogada pelo time chileno, desta vez por Jara, criou o contragolpe bem executado por Iniesta (recuperado das dores musculares), em passe preciso de Villa. Para piorar, num erro do árbitro mexicano Marco Rodríguez, o volante chileno Estrada foi injustamente expulso, depois de tropeçar em Niño Torres, justamente no lance do gol de Iniesta.

Bielsa mudou dois nomes e, com dez, adotou um 4-2-3 na etapa final. Villar diminuiu o placar aos 2 minutos. Mas o ritmo também foi caindo. A Espanha ficou na dela, e gastou o tempo com o que tem de melhor: o passe. Mas sem tanto objetividade. As entradas de Fábregas e Javi Martínez (Athletic Bilbao) na armação qualificaram o time.

Ao final das contas, com o medíocre empate entre suíços e hondurenhos classificando espanhóis e chilenos, as equipes se ajeitarem e se ajustaram num segundo tempo sem muita graça. Fazendo o suficiente a Espanha para se classificar e fugir do Brasil, deixando o azar para os chilenos. Para sorte dos europeus. E dos brasileiros.

“Nós sentimos a qualidade do rival e o desgaste. O jogo foi muito difícil até o final”, tentou despistar Del Bosque. Ou exagerar. O fato é que a lógica havia entrado em campo no grupo. A Espanha conseguiu o primeiro lugar aguardado. Mas com um futebol ainda abaixo do esperado.

1 x 0 em Portugal

A Copa de 2010 só não foi pior que a de 1990. Aquele Mundial italiano decepcionou e apoquentou tanto que até a regra do recuo de bola para o goleiro foi mudada, em 1991. Uma Argentina de Maradona acabou vice-campeã na Itália, levando a Copa sempre para os pênaltis. O pior exemplo de um torneio esquecível, com 17 das 24 equipes atuando com três zagueiros e dois alas bem recuados, meio-campistas pouco criativos, e boas gerações mal

aproveitadas, travadas taticamente por um medo e um receio de arriscar que quase riscou do planeta o mundo da Copa.

Em 2010, ao menos, acabaram premiadas equipes que buscaram o gol, como a Espanha, a vice-campeã Holanda e renovada Alemanha, terceira colocada. Mas ainda teve gente que não quis jogo. Portugal começou a Copa com um cabeça de área, dois meio-campistas de bom nível de área a área, dois ótimos pontas, e um bom centroavante. Um 4-3-3 das antigas, e dos bons. Assim goleou a Coreia do Norte. Veio, porém, o receio desmedido contra um Brasil sem Kaká e Robinho. O treinador Carlos Queiróz isolou Cristiano Ronaldo no comando do solitário ataque, plantou um novo volante com pés de zagueiro de roça (Pepe), e ficou todo atrás da bola e do Brasil, esperando a Seleção num 4-1-4-1 excessivamente recuado. Num jogo de compadres e patrícios, o zero a zero foi placar e nota.

Repetida por Portugal nas oitavas contra a Espanha que ainda não jogava o futebol do nível esperado. Contra uma não menos potente armada espanhola, Portugal içou velas, canhões e a frota no próprio campo, especulando à frente com o forte, porém fraco, centroavante Hugo Almeida. A derrota final, ainda que com um gol discutível de Villa, em posição irregular. Foi um castigo merecido pela falta de ousadia de um time cuja escalação, no papel, parecia mais abusiva e ofensiva que a espanhola.

No campo, porém, a história foi outra. Os números suplantaram os nomes. A camisa de força do treinador português prendeu os pontas na intermediária, sufocou os homes do meio como reles parelha de volantes. O que poderia ser um time ofensivo virou apenas uma equipe especulativa. Sem graça, sem ataque, sem a bola, sem a classificação. Se Portugal fosse uma Grécia, uma Suíça, ainda vai. Embora acabasse não indo para lugar algum.

A questão é que havia como atacar. Ter a bola. Arriscar. Enfim, jogar. Com Cristiano Ronaldo. Com alguns outros bons nomes que pararam diante dos espanhóis. Espanha que teve o dobro de chances (dez contra cinco) que um rival que empacou e empatou sem gols e sem futebol contra o Brasil. Portugal que esperou uma Espanha que mais uma vez não foi brilhante. Mas foi melhor.

Com 12 minutos, o ótimo goleiro português Eduardo fez três grandes defesas. Mais de 70% da bola era espanhola. Um pênalti sobre Torres foi pedido. Quando o replay do lance seria mostrado no telão, a direção de imagem da Fifa cortou a repetição, antes de evitar a polêmica que desgraçara a arbitragem da Copa, quando um gol em impedimento da Argentina contra o México foi apresentado no telão do Soccer City.

A imagem de superioridade espanhola era flagrante. Ainda que com problemas defensivos. Mesmo com Portugal muito atrás. Sergio Ramos, pela direita, e Capdevilla, pela esquerda, também não atacaram tanto. Também faltava a infiltração usual de Xavi e Iniesta. A chegada dos dois armadores dentro das áreas rivais é constante e impressionante. Mas não vinha acontecendo. O espetacular todocampista Xavi parecia cansado. Não se movimentava com a eficiência e dinâmica usual. Tecnicamente errava passes que ficava meses sem errar. Com ele, toda a Espanha caía. Por vezes ficava muito preso pelo esquema tático de Del Bosque. Poucas vezes tem entrado na grande área rival. Enfim, estava longe de ser o muito o que é.

Só que a paciência é uma virtude desse time. Embora pareça ter esgotado a do gélido Del Bosque, aos 13 do segundo tempo. A Espanha afunilava demais o seu jogo e Torres seguia mal das bolas. O treinador espanhol apostou no centroavante Fernando Llorente, que entrou para ser a referência de área na segunda etapa, como bem faz pelo Athletic Bilbao. Ele trabalhou como pivô.

Del Bosque foi mais feliz que Queiróz, que ao mesmo tempo sacou o inoperante Hugo Almeida, isolou Ronaldo no ataque, abriu Danny pela esquerda, e só especulou o gol que não poderia vir daquele jeito.

Mas o golaço de Villa, depois de troca de bola típica espanhola (e barcelonista), aos 17 minutos, fez justiça ao melhor time. Ao que buscou mais o gol. Ainda que aparentemente irregular. Villa pareceu impedido ao receber a bola pela esquerda. Mas toda a jogada foi tão bonita que a vitória do melhor time não merece ser contestado. Até porque quase mais nada fez Portugal, e a Espanha só não fez mais porque Eduardo não deixou.

1 x 0 no Paraguai

Doze do segundo tempo no Ellis Park, de Johannesburgo: num intervalo de exatos dois minutos, o atacante Cardozo bateu o pênalti desnecessário cometido por Piqué, defendido por Casillas, que não deu rebote; a Espanha foi ao contragolpe e o árbitro Carlos Batres (Guatemala) marcou uma falta ainda menos pênalti sobre Villa para a Espanha. Pênalti que Xabi Alonso bateu no canto esquerdo e fez o gol que... o árbitro não validou: mandou retornar a cobrança, por invasão dupla da área (como deveria ter feito no pênalti desperdiçado pelos paraguaios). Na segunda cobrança, Alonso mudou o canto, o goleiro paraguaio Villar, também; no rebote da bela defesa, Fábregas tentou driblar o goleiro e foi derrubado. Foi o único pênalti indiscutível. O único não marcado.

A “decisão por pênaltis” foi disputada durante a própria partida dura e mais marcada que jogada – como era de esperar pela aspereza do time paraguaio. Uma vez, mais, porém, havia como se exigir mais dos espanhóis. O jornalista André Rocha entendia o porquê da apertada (porém justa) vitória: um possível exagero no toque de bola. Justo a melhor virtude da equipe.

- O time troca passes, fica com a bola nos pés, costura as jogadas demais e chuta pouco. A estratégia se justifica pela técnica apurada dos componentes do setor ofensivo e também porque afasta o oponente de sua retaguarda. Ainda assim, ao menos os chutes de fora da área de Xabi Alonso podiam ser mais explorados. Mas o time prefere tocar, tocar, tocar...

Fernando Torres seguia mal. Del Bosque tentava ajudá-lo: abriu o Niño mais à direita, para aproveitar o talento, a raça, a inteligência, o faro e a fase de Villa. O camisa sete atuou mais centralizado, como pedia a bola e a lógica. Porém, o esquema voltaria ao usual com a excelente marcação sul-americana, que mal dava espaços.



Equipe da sofrida vitória espanhola em cima do Paraguai

De bom, mesmo, na primeira etapa, uma boa trama paraguaia num tiro de Santana, aos 4 minutos, e um tiro longo de Xavi, de fora da área, por sobre a meta, aos 28. Num lance que exprime o melhor do excepcional todocampista catalão, na definição de um de seus maiores fãs: Carlos Alberto Parreira: “O Xavi sempre consegue se desmarcar e atuar às costas dos volantes adversários. Além da velocidade de raciocínio, ele é muito rápido e objetivo. Recebe a bola e já vira em direção ao gol”.

Faltava isso a ele e a Iniesta em quase todo o jogo amarrado e chato. Mais que os exaustos paraguaios, os espanhóis pareciam estafados. Mas a partida pegou fogo quando os goleiros pegaram os pênaltis. O jogo ficou a caráter para a Espanha desde então. Sobretudo a partir da entrada de Fábregas e Pedro, e o recuo de Xavi como o pensador no lugar de Xabi Alonso. Sem Torres, com Villa centralizado, Pedro, Iniesta e Fábregas articulando e se mexendo, a Espanha foi crescendo, também pelo definhamento físico paraguaio, que vinha de duríssima (em todos os sentidos) partida sem gols e sem futebol contra o Japão, vencida apenas nos pênaltis, nas oitavas de final.

A Espanha começava a empilhar gols perdidos num jogo que fedia à prorrogação até um lance típico virar gol. Clássico não apenas pela qualidade da troca de bolas, de Iniesta a Fábregas a Xavi, que, de costas, descolou Iniesta livre para servir Pedro solto à direita. Seria um golaço não fosse a sorte que parecia não querer tabelar com os espanhóis em mundiais. O tiro seco e cruzado explodiu na trave direita. O rebote caiu aos pés de Villa, que tentou a sorte do outro lado. A bola se chocou na outra trave. Mas, desta vez, para correr sobre a linha, ainda bater na trave direita mais uma vez, até morrer dentro do gol paraguaio. Matando do coração mais torcedores dos dois lados do Atlântico.

Sintomático gol espanhol. Tinha de ser sofrido. Tinha de ser lindo. E ainda teve mais drama, quando, aos 43 minutos, Barrios escapou em inexplicável contragolpe no mano a mano e chutou para Casillas bater roupa; na sobra, o goleiro madridista se recuperou fechando o ângulo com categoria no toque de Santa Cruz. Foi o último lance paraguaio na Copa. Era a primeira vez que a Espanha chegava entre os semifinalistas de um Mundial desde 1950.

1 x 0 na Alemanha

O melhor e mais inesperado futebol da Copa era alemão. A seleção tri mundial perdera por lesão, pouco antes da competição, a referência de

meio-campo Ballack. Mas descobrira nos jovens armadores Özil e Müller, no volante Khedira e nos redescobertos Schweinsteiger, Podolski e Klose uma máquina de jogar bola que goleara a decepcionante Inglaterra por 4 a 1, e enfiara sonoros 4 a 0 contra os favoritos argentinos de Messi e Maradona.

Parecia haver uma nova favorita no Mundial. A velha, porém, renovada Alemanha de sempre. O que até o início da Copa parecia que era espanhol havia mudado de figura, pelo ótimo e ofensivo futebol alemão, e pelo pálido e pouco inspirado ataque espanhol.

Mas o jogo virou mais uma vez. Em definitivo. A Alemanha resolveu apenas marcar, deixando todo o time atrás da bola. A Espanha resolveu atacar como nunca. E brilhar como em nenhum outro jogo em 2010.

Os primeiros 45 foram dos melhores minutos espanhóis. Não foi a marcação esperada contra os alemães. Foi “o contragolpe no ataque” da turma espanhola. Observa Parreira: “A Espanha é um time que não dá contra-ataque. Contra a Alemanha, mesmo com a equipe tão à frente, não teve sustos. Até porque os alemães se defenderam o tempo todo, com nove jogadores atrás da linha da bola”.

Com a aguardada e enfim apresentada intensa movimentação de Iniesta e Xavi por dentro, e, finalmente, com a mais que acertada aposta em Pedro (substituto do enfim sacado Torres) pelos dois cantos, com Villa adiantado e centralizado, a Espanha achou seu time e seu jogo. Busquets anulou o apagado Özil, os laterais Ramos e Capdevilla deram conta de Podolski e Trochowski. Mais à frente, Xabi Alonso impediu que o ótimo volante-direito Khedira chegasse sempre, e Xavi também inibiu o apoio qualificado pela esquerda de Schweinsteiger.

Mais que isso, Xavi saiu para armar o jogo. Com Iniesta mais pela direita (quando melhor seria abrir pelo outro lado), e Pedro, a partir da esquerda, atacando o ótimo lateral Lahm, variando até a direita, ou encostando no enfim centralizado e avançado Villa. Ele estava muito longe da meta, mas não do gol. Desse modo, ele e a Espanha se saíram melhor.

cruzadas. A melhor delas foi bem defendida por Casillas em lance de Kroos, que entrara para tentar dar ao menos velocidade. Não deu.

E não daria mais para a irreconhecível Alemanha de 2010 quando a Espanha de 2007, 2008, 2009 e, enfim, de 2010 deu o ar da graça. E pelo alto, num lance, digamos, mais alemão que para os baixinhos espanhóis daquela turma boa de bola. Xavi bateu escanteio da esquerda para o segundo pau. Puyol subiu com a impulsão habitual espantosa, se antecipou ao companheiro Piqué, ganhou de Khedira, e mandou no canto de Neuer. Puyol que quase havia marcado de peixinho, na primeira etapa. Puyol que não é craque, longe disso. Mas joga de zagueiro em qualquer dos lados, de lateral em qualquer canto, de catalão até debaixo da terra, como espanhol lá no céu de onde pareceu chegar para cabecear. Quando Xavi bateu na bola, Puyol estava fora da área. Quando cabeceou, parecia fora do estádio. “Não sei descrever a sensação de um gol como esse, naquele momento, numa Copa do Mundo”, disse depois da vitória em que os espanhóis tiveram oito grandes chances contra apenas duas dos alemães. Justo o time que mais encantava até então. Que tinha no comando do ataque Miroslav Klose, autor de 14 gols em 18 jogos de Copas. Quase chegando à fenomenal marca de Ronaldo.

Mas não a alcançando. Porque a bola mal chegou a ele. E, quando rondou a meta de Casillas, Piqué e Puyol não deixaram pedra sobre bola. Ainda que, por definição histórica, a linha de zaga espanhola goste de atuar bem adiantada, desta vez, com a ajuda de Busquets (em sua melhor exibição) e dos laterais, a equipe não esteve tão desguarnecida. Sergio Ramos marcou muito bem Podolski, e não atacou tanto quanto de costume; na esquerda, sem Müller, Capdevilla, mais discreto, não comprometeu.

Se a Espanha havia superado em 2008 o trauma das quartas de final e dos pênaltis contra os italianos, desta vez superavam as semifinais, de novo venciam impiedosamente os alemães, e se classificavam para uma inédita final contra um rival que buscava também um título não alcançado: a Holanda. Uma das equipes que influenciaram o Barcelona desde os anos 1970, e, por tabela, a Espanha dos últimos anos.

1 x 0 na Holanda

A maior emoção para os 84.900 pagantes na decisão da Copa de 2010 foi a entrada em campo do líder político sul-africano Nelson Mandela, antes da partida no Soccer City, em Johannesburg. Ao lado da mulher, num carri-

nho elétrico, protegido do frio seco da cidade, ele deu uma voltinha pelo gramado acenando e arrancando aplausos de quase todo o estádio que ficou em pé, arrepiado e respeitoso pelo camisa 10 do século xx. O maior craque da Copa, ainda que nela só tenha aparecido na decisão, por motivos de saúde, e pelo falecimento de sua bisneta mais velha, no dia da abertura do Mundial, num acidente automobilístico em Soweto.

A Espanha foi como Mandela na Copa, com o perdão pela grosseira e infeliz comparação. Começou mal, mas terminou em festa reconhecida por todos. Se não foi o time que poderia ou parecia ser, foi a equipe mais eficiente na final. A melhor da semifinal. O time cirúrgico nas quartas e oitavas de final. A melhor seleção de um grupo que foi mais difícil pelo tropeço inicial espanhol.

Para o jornalista André Rocha, “La Roja” quis a bola para jogar em todas as partidas:

- Ela fez o simples para quem tem o *know-how*: pressionou a marcação para recuperá-la mais rapidamente e girou, tocou e administrou a sua posse. Até demais. Na decisão, quase pagou caro pelo “tiki-taka” que demora demais para ir às redes.



Espanha com Pedro pela direita e Iniesta a partir da esquerda. Esquema nem sempre fácil de exprimir em números, contra o 4-2-3-1 holandês

O melhor (e/ou mais bonito) futebol europeu desde a Copa de 2006 foi enfim recompensado. A duras penas e bolas numa partida fria como a noite de Johannesburgo. Num primeiro tempo para esquecer futebolisticamente. Ruim. Chato. E duro como a entrada absurda de De Jong no peito de Xabi Alonso, lance que Felipe Melo chancelaria com louvor. A Holanda ficou muito atrás, especulando apenas. Teve um lance com Robben, aos 45. Uma furada de Mathijsen feia, e quase um gol numa bola mal devolvida no fair-play, aos 34, quando um bico do zagueiro holandês para os lados da meta espanhola quase enganou Casillas. Uma final de Copa com uma jogada perigosa com devolução de *fair-play* não tem muito a ser notada e lembrada para quem não havia escolhido um time por qual torcer. A Espanha teve três oportunidades em 11 minutos, mas, depois, parada num jogo muito bruto de lado a lado, não acertou os passes de Xavi a Villa. Parecia só apurar os passes como de costume para a discutível zaga holandesa entregar o jogo e a Copa. Partida que, mesmo chata e arrastada, com muitos passes errados (apenas 75% acertados pelos espanhóis) parecia estar mais com jeitão para a Espanha, que entrara em campo a fim de jogá-la, mais que a especular como a rival.

As péssimas línguas, antes da decisão, diziam que a Copa de 2010 não teria campeão. De um lado, a Espanha que sempre chegava poderosa, cheia de dedos e de prosa, e caía prostrada bem antes da fase decisiva. Do outro, a Holanda, que, para muitos, era laranja de tanto amarelar em decisões, a partir da brilhante Laranja Mecânica de 1974. Pelo primeiro tempo chocho, até Mandela e Dalai Lama poderiam pensar na maldade. Na segunda etapa, a Holanda resolveu jogar. Mas, ainda assim, a Espanha foi mais perigosa. Aos 2 minutos, Capdevilla retribuiu a furada anterior de Mathijsen e a Holanda perdeu boa chance, depois de lance bem executado pela Espanha (ou pelo Barcelona) em cobrança de escanteio. Robben respondeu aos 6, em jogada típica do excelente ponta holandês, bem defendida pelo gigante Casillas. Eternizado aos 18, quando Robben (dos melhores da temporada) avançou sozinho depois do único belo passe de Sneijder (o jogador mais regular da Copa), e só não fez o gol por brilhante saída de Casillas, que defendeu com os pés. A maior chance da partida. Um gol perdido pelos holandeses tão doído quanto a bola na trave argentina do ponta Rensenbrink, no último minuto da decisão da Copa de 1978, em Buenos Aires. (Leia mais no capítulo sobre a Holanda-1974).

Antes, aos 15 minutos, Del Bosque abriu Navas na posição que era de Pedro, na armação espanhola, pela direita, e foi bem. O treinador holandês

Bert van Marwijk não foi tão feliz com a entrada do velocista Elia no lugar do tático e esforçado Kuyt, aos 25, aberto pelo lado esquerdo. Pior ficou para o torcedor, que viu das piores e mais violentas finais. Até quando Robben teve a sexta chance holandesa contra a sexta espanhola, e parou mais uma vez nas mãos de Casillas. Ainda houve uma senhora chance perdida por Villa, que Heitinga salvou, mesmo caído, ao final do jogo.

O torcedor, na poltrona, cochilou de vez. Na prorrogação, parecia crescer a chance holandesa, fisicamente e teoricamente uma equipe mais descansada que a rival. Mas a Espanha entrou mais qualificada, com Fábregas substituindo Xabi Alonso, na armação. Se era um batedor de pênaltis a menos para os espanhóis, também sinalizava que o treinador Del Bosque queria decidir sem os pênaltis. Boa e santa ousadia.

No primeiro tempo extra, não teve cansaço espanhol. E, sim, cinco chances vermelhas, contra apenas uma holandesa. Time que ficou entregue de vez com 1 minuto do segundo tempo, com a expulsão correta de Heitinga. O volante pela direita Van Bommel teve de ir para a zaga, e o atacante espanhol Torres entrou no lugar do cansado Villa, em alteração discutível. Como o belo gol de Iniesta. Depois de dois erros de arbitragem – que prejudicaram a Holanda no lance que depois daria na jogada do título –, há como discutir a posição de Iniesta no primeiro lançamento rechaçado pela zaga holandesa. Na sobra, Fábregas serviu Iniesta para fazer a bela homenagem ao saudoso zagueiro Dani Jarque e ao melhor futebol em campo e na Copa. Iniesta marcou outro gol decisivo no fim, como fizera em Londres, contra o Chelsea, na semifinal da Liga dos Campeões de 2009. Como repetiria no gol mundialista espanhol.

A Holanda ainda tentou atacar. Mas a bola mal chegava à meta de Casillas. No último lance, ela espirrou e saiu à esquerda da meta espanhola. Quando o goleiro do Real Madrid a recolheu junto à placa de publicidade, o árbitro inglês Howard Webb encerrou o jogo e o Mundial. Casillas foi engolido por companheiros enquanto celebrava e chorava. Puyol se atirou ao gramado. Sergio Ramos e Xabi Alonso se ajoelharam e levantaram os braços. Navas se jogou de bruços no gramado. Xavi se atirou aos braços de Fábregas. O goleiro reserva Reina correu para abraçar o companheiro de Liverpool Fernando Torres, caído no gramado segundos antes, sentindo a coxa. O holandês Sneijder foi cobrar o assistente número 2, Michael Mullarkey, ainda a respeito do impedimento possível de ser marcado no gol do título espanhol.

Logo depois, o melhor desagravo possível foi do goleiro espanhol. Criticado na primeira partida por supostamente dar mais bola à namorada (a

jornalista espanhola Sara Carbonero) que ao trabalho de segurar as bolas que chegavam à meta, Casillas respondeu à altura. Quando era entrevistado por ela logo após o jogo, ao vivo, para a TV espanhola, Iker estava agradecendo aos pais, ao irmão, quando a voz ficou embargada e ele começou a chorar. Sara tentou segurar a onda, até que ele se recompôs, também agradeceu à companheira, e tascou um beijo na boca, e outro na bochecha. E quem perdeu o belo rebolado foi a repórter.

A festa era completa. E merecida. O melhor futebol dos últimos três anos foi recompensado. A equipe que melhor trabalhou a bola ganhou o mundo.

Como o gesto de Iniesta ao marcar o gol do título conquistou até quem não tinha nada com aquilo. Por baixo da camisa vermelha, uma camiseta branca, com tinta preta e uma mensagem dele e de todos: “Dani Jarque: siempre com nosotros”. Era a homenagem ao zagueiro e capitão do Espanyol, morto em agosto de 2009, vítima de ataque do coração, aos 26 anos. “Em toda a temporada, não havia conseguido homenageá-lo como merecia. Deus me deu essa oportunidade para todo mundo ver”.

Onze anos antes, em 1999, 15 anos recém-completos, Iniesta era o capitão e craque do Barcelona campeão da Nike Cup, quase um mundial da categoria. Recebeu o prêmio do então volante do Barcelona. Que fez questão de tirar uma foto e entregá-la ao jovem Andrés, com o seguinte autógrafa: “Ao melhor jogador que já vi jogar. Pep Guardiola”.

Não satisfeito, o futuro treinador de Iniesta ainda diria ao jovem Xavi, que começava no time titular do Barça: “Xavi, você irá me aposentar aqui no clube; e, no futuro, o Iniesta irá aposentar nós dois”. Guardiola estava meio certo. Havia como atuarem juntos Xavi e Iniesta. Para felicidade espanhola. “Iniesta e Xavi têm uma relação especial entre eles e a bola. Não precisam se falar e nem se enxergar. Eles sabem onde cada um está”, afirmou o ex-companheiro de Barcelona, Van Bronckhorst, capitão holandês derrotado no Soccer City.

Iniesta não é só técnica e conhecimento tático. É raça. Jogou machucado a final da Liga das Campeões de 2009, contra o Manchester United. E jogou muito. “Ele é o maior do mundo” para o atacante então derrotado Rooney. “Iniesta é completo. Defende e ataca, cria e marca”, elogia o campeão Del Bosque. Para Rijkaard, que deu as primeiras chances no time catalão, “Andres jogou comigo de ponta-direita, de ponta-esquerda, de falso ponta, de meia, de ponta-de-lança, de volante. E sempre foi excelente. Todo treinador precisa de um Iniesta no time”.

Todo grupo de profissionais precisa de alguém tão solidário e parceiro dentro de campo. Ele até pode não ter sido o melhor do campeão mundial. Mas é quem melhor representa o espírito solidário do time que conquistou o mundo como Andres ganhou o respeito dos adversários e da bola.

Pós-Copa

Depois do Mundial, a base campeã e a comissão técnica permaneceram. Mas duas goleadas de quatro sofridas para a Argentina, em Buenos Aires, e para Portugal, em Lisboa, deixaram o mundo em dúvida, ainda em 2010: teria sido apenas um caso passageiro de inverno?

Para o jornalista André Rocha, “é prematuro afirmar que a Espanha deixará um legado de futebol ofensivo. Simplesmente porque não é tão simples jogar como o campeão do mundo. Técnica acima da média e entrosamento são requisitos básicos para ficar com a bola por tanto tempo com poucos erros nos fundamentos”.

André Rocha vai além:

- A maior lição da Copa 2010 é que não é necessário ter um time pragmático e obcecado pelo resultado para vencer. Não há apenas uma forma de levar a taça para casa e o espetáculo não deve se restringir ao teatro, como apregoam os mais simplistas. O futebol é apaixonante também por seus paradoxos. O mais interessante nessa Copa foi que a vencedora ter marcado poucos gols por ser fiel, até demais, ao seu estilo mais vistoso.

Johan Cruyff ficou feliz com o sucesso espanhol que ele, diretamente ou não, ajudou a forjar:

- A Espanha jogou mais ao estilo brasileiro e holandês que o Brasil de Dunga. Desde a Euro-2008 tem jogado tão bem que muita gente irá tentar copiá-la. O que é ótimo. O esporte tem uma responsabilidade: é importante para a juventude ver uma seleção jogando assim, jogando bonito. Jogar apenas para ganhar não é bom para o esporte e para a vida.

A mesma noção foi deixada por David Villa, depois de um retumbante 5 a 0 do Barcelona sobre o Real Madrid, no Camp Nou, em novembro de 2010. Valeu para aquele incrível Barça (base do time espanhol na África do Sul), que deletou o time merengue de José Mourinho, e também valia para a seleção que tão bem defendeu Villa: “Es el triunfo de un estilo”.

Não é preciso traduzir. Até porque a melhor tradução daquilo que faz o Barcelona desde 2005 é parte do que a Espanha jogou na Copa que mereceu vencer. Infelizmente, não por culpa da campeã, o Mundial de 2010 deixou pouco coisa na prática e na retina. O futebol merecia uma Copa melhor para ser conquistada. Um torneio medíocre. Pior: não por responsabilidade dos treinadores. Alguns até tentaram jogar. Tentaram fazer suas equipes atacar. Mas os atletas não funcionaram. Cansaço e desgaste pelas temporadas insanas podem responder algumas das perguntas. Mas a pouca qualidade dos jogos é ainda mais preocupante que, por exemplo, a pavorosa Copa de 1990, prejudicada pela mentalidade defensivista dos treinadores da época tanto quanto a má forma de alguns atletas.

Abusando de imensa boa vontade, há como louvar os times que tentaram jogar ofensivamente. Como a Espanha. Como a Holanda (quase sempre). Como a Alemanha (até ser amassada pelos espanhóis na semifinal). Até como o Uruguai, nos melhores momentos deles na Copa. Como a Argentina, mesmo quando levou um alfajor alemão. Como o Brasil. Que mesmo não jogando tão bem ou tão brasileiro, buscou na maioria das vezes o que os espanhóis souberam fazer melhor.

A Copa-2010 acabou sendo tão ruim que mesmo a merecida campeã tem dois gols mais que discutíveis. E mesmo criando e jogando mais que os rivais, desde 1930 não houve um campeão que tenha feito tão poucos gols. Demérito da fase ruim de Fernando Torres, da má pontaria geral, de algumas escolhas infelizes de Vicente Del Bosque. O que explica o porquê de uma equipe que sabe trabalhar a bola, que gosta de jogá-la, que pensa e passa com categoria, não fez todos os gols necessários e possíveis.

Ainda assim suficientes para vencer um torneio que vai ficar pela simpatia do sul-africano. Gente que não ganhou a Copa, mas conquistou o mundo por aquilo que não se mede. E não tem tamanho.

Xavi

O nome dele é o diminutivo de Xavier, em catalão. O tamanho dele também é pequeno. Apenas 1m70. Mas desde 1998, quando estreou no time de cima do Barcelona, com 18 anos, seis anos depois de chegar a La Masía (o local onde o Barcelona cultiva seus atletas), o talento é inversamente proporcional à altura.

Era para ser um volante de boa saída de bola, como De La Peña, que pintou bem no Barça da segunda metade dos anos 1990, mas não vingou. Xavi foi além. Foi um dos jogadores revelados no clube que ajudaram o treinador holandês Louis Van Gaal a pensar numa utopia para o Barcelona que bem dirigia por aqueles anos finais da década de 1990: “Ainda quero ver o clube sendo campeão com todos os jogadores revelados na base”.

Se não deu para repetir o sucesso do Celtic escocês, campeão europeu em 1967 com 11 titulares nascidos em Glasgow, futebolisticamente o time de Valdés, Piqué, Puyol, Busquets, Iniesta, Pedro, Messi e Xavi foi muito além do sonho de Van Gaal, no final da primeira década do século XXI. O baixinho todocampista, também. Quando estreou no time de cima, na temporada 1998-99, foi importante na recuperação da campanha, ajudando a equipe do brasileiro Rivaldo a sair da décima colocação para o título espanhol. Pouco antes, foi um dos nomes da Espanha campeã mundial sub-20, em 1999.

Logo depois, o volante Pep Guardiola se machucou seriamente, e ele assumiu a titularidade do Barça. Para não largar mais. Lesionado, não pôde dar a volta olímpica de campeão europeu de 2006 pelo clube, na decisão contra o Arsenal. Mas, em 2009, não apenas não ficaria de fora da decisão da Liga dos Campeões, como foi eleito o melhor em campo na vitória por 2 a 0 sobre o Manchester United. No Mundial vencido pelo Barça, derrotando o Estudiantes argentino na prorrogação, foi considerado o terceiro melhor jogador da competição.

Para Parreira, “foi o melhor da Copa de 2010, e é um dos mais inteligentes jogadores que existem”. Para Michel, meio-campista do Real Madrid dos anos 1980 e 1990, “Xavi é o melhor para um grupo porque é o mais humilde de todos os atletas. Joga para o time, e não para ele”. E joga demais. Pensando o jogo, articulando o ataque, dando um pé na marcação, servindo o companheiro melhor colocado, infiltrando-se na área, desmarcando-se com facilidade.

Pode não ser o craque mais vistoso da equipe. Mas faz o jogo mais bonito e objetivo com os passes precisos. Numa seleção de poucas estrelas e nenhuma prima-donna, Xavi é dos primeiros lembrados como exemplo da solidariedade da equipe e dos passes precisos. Ele e Iniesta. Difícil dizer quem é melhor. Mais difícil é atuar sem os dois. Mas, sem Xavi, talvez a Espanha não fosse o time que é. Sem ele, talvez Iniesta tivesse uma companhia menos qualificada para desempenhar o mesmo futebol. Sem a dupla, este capítulo não existiria.